

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo caracterizar os processos de comunicação entre a mãe ouvinte e o filho surdo no lar, entre o professor ouvinte e os alunos surdos matriculados e frequentes nas classes do Ensino Regular, e identificar, sob a ótica de jovens surdos, como eles vivenciaram esses processos. Participaram três professoras ouvintes de classes com inclusão de alunos surdos, três mães ouvintes com filhos surdos matriculados nas salas das professoras participantes e três jovens surdos que já concluíram o ensino médio. Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas áudio gravadas com as mães e as professoras ouvintes, e vídeo gravadas com os jovens surdos, pois as respostas deles foram expressas na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). As entrevistas com os jovens surdos contaram com a participação de um profissional intérprete de LIBRAS. As discussões sobre desenvolvimento de linguagem e emocional das crianças foram embasadas teoricamente nos conceitos preconizados por Vygotsky e Winnicott. Os resultados apontaram que tanto as mães quanto as professoras ouvintes fazem uso constante da linguagem oral e de gestos caseiros para se comunicarem com as crianças surdas e consideram os processos de comunicação satisfatórios, embora algumas vezes difíceis. A negação da condição de surdez encontra-se nas entrelinhas das respostas delas e é incentivada pela expectativa de que as crianças venham a ouvir e falar para melhor se desenvolver. Os jovens surdos reforçaram que as mães e as professoras não faziam uso da LIBRAS e as interações eram predominantes por meio da linguagem oral, dificultando e tornando insatisfatórios os processos de comunicação. Percebiam, nos professores, a compaixão, a falta de paciência, a utilização de uma linguagem rebuscada e a falta de domínio mínimo da LIBRAS como fatores negativos no processo de aprendizagem. Apenas quando os próprios jovens surdos passaram a utilizar a LIBRAS e contar com a presença de intérpretes de LIBRAS em sala de aula é que começaram a compreender melhor e ter um aprendizado mais significativo. Conclui-se que há entraves comunicativos entre mães ouvintes e professoras ouvintes com filhos ou alunos surdos que são pouco percebidos pelas mães ou professoras ouvintes, mas muito perceptíveis pelos jovens surdos. Enfatiza-se que não houve menção pelas mães e professoras da possibilidade de comunicação por Língua de Sinais com seus filhos ou alunos surdos, o que poderia favorecer o desenvolvimento de linguagem e a aprendizagem das crianças. Reforça-se a necessidade de programas para orientações aos familiares de surdos e para os professores abordando a compreensão da surdez e suas consequências no desenvolvimento do surdo, e, sobretudo, das possibilidades de comunicação mais satisfatória com surdos incluindo uso do Bilinguismo desde a primeira infância no lar e na escola.

Palavras-chave: Educação Especial. Surdez. Processo de Comunicação. Família. Aprendizagem.